V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

Desconstruindo padrões: a gordofobia sob a perspectiva feminista

Gabriela Sroczynski Fontes[1]
Maristela Carneiro[2]
Gabriel Ap. Anizio Caldas[3]

Resumo

O artigo aborda as interseções entre feminismo e gordofobia, com foco no impacto desse fenômeno sobre os corpos femininos. O principal objetivo é promover uma reflexão crítica sobre como os padrões de beleza, sustentados por estruturas de poder socioculturais, perpetuam a discriminação contra mulheres gordas. A partir de uma abordagem qualitativa, foi produzida uma revisão bibliográfica com base em autores que discutem feminismo, corporeidade e preconceito. A discussão apresentada revela que a gordofobia opera como uma forma de controle social sobre os corpos femininos, reforçando estereótipos de beleza e exclusão. A perspectiva feminista, especialmente a interseccional, expõe a complexidade da discriminação ao incorporar discussões sobre gênero, raça e classe, ampliando o entendimento sobre as diferentes formas de opressão. Sendo assim, entende-se que o feminismo de quarta onda, ao explorar as interseccionalidades, oferta perspectivas que servem como base para o questionamento e consequente desconstrução dos padrões estéticos normativos e a promoção da aceitação corporal. Assim, a luta contra a gordofobia se alinha ao combate às desigualdades de gênero e à valorização da pluralidade dos corpos femininos.

Palavras-chave: Corpo; Discriminação; Feminismo; Gordofobia; Padrão de Beleza.

1. Introdução

Nos últimos anos, o debate em torno da gordofobia emergiu como um tópico importante no âmbito das discussões que ocorrem na sociedade. A gordofobia, um fenômeno sociocultural profundamente enraizado, tem um impacto significativo nos corpos femininos e na forma como estes são percebidos.

Nesse sentido, a discussão aqui apresentada busca iniciar uma reflexão acerca das complexidades da gordofobia em sua relação específica com as mulheres. Além disso, busca-se promover uma discussão que envolva aspectos relacionados à gordofobia associados aos padrões de beleza e sistemas de poder socioculturalmente construídos, sob a luz do feminismo,

[1] Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea; Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; gabisrf@hotmail.com.
[2] Pós-Doutora em História; Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; maristelacarneiro86@gmail.com
[3] Mestre em Direito; Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea; Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; gabriel_anizio_caldas@hotmail.com.

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

principalmente em sua perspectiva interseccional, que serve como um instrumento de luta pelo combate à opressão e discriminação dos copos gordos.

Para contemplar tais objetivos, optou-se pelo método de pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, tendo como base obras que tratam sobre o feminismo, a gordofobia e que apresentam estudos sobre o corpo numa perspectiva contemporânea.

2 Ondas feministas e gordofobia: a luta pela diversidade e contra padrões corporais

É fato que questões relacionadas à gordofobia não afetam apenas mulheres, porém, aqui, tal recorte temático será feito, inclusive buscando, em alguns momentos, aproximar o assunto a perspectivas teóricas feministas por acreditar que o feminismo "desencadeou todo um novo debate público em que surgiu a tematização de questões totalmente novas – sexualidade, violência, direitos reprodutivos etc." (GONZALES, 2020, p. 38) e que o preconceito e a discriminação em relação aos corpos de mulheres também merecem ser incluídos nessa lista. Nesse sentido,

> Pensar o feminismo como um saber – como uma genealogia, como uma proposta para transformar a vida a partir de um olhar integral – permite-nos dialogar tanto com a academia e com os discursos políticos quanto com as lutas individuais e coletivas das mulheres, para transformar um sistema político, social e econômico desigual e injusto. (BARRAGÁN et. al., 2020, p. 224).

Atualmente, considera-se que o feminismo esteja na sua quarta onda. Contudo, apesar de ter adquirido outras características em comparação com as outras, seu o objetivo de buscar "uma sociedade sem hierarquia de gênero: o gênero não sendo utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão" (RIBEIRO, 2014) permanece. O feminismo, mais do que reivindicar direitos iguais entre homens e mulheres, promove uma luta pela liberdade e equidade ao buscar romper com estruturas de poder que subordinam mulheres ao propor novas perspectivas de pensar o mundo, as relações de poder e a subjetividade.

No que diz respeito às ondas feministas anteriores, Ribeiro (2014) conta que, no Brasil, o movimento iniciou-se no século XIX – a primeira onda – com foco em reinvindicações como o direito ao voto e à participação das mulheres na vida pública. Já a segunda onda, nos anos de 1970, ocorreu em meio à crise da democracia, ampliou as lutas em prol da valorização do trabalho da mulher, do direito ao prazer, do combate à violência sexual e da resistência à ditatura militar. E diz que na terceira onde, a partir de 1990, houve uma reflexão crítica sobre os paradigmas das ondas anteriores, trazendo à tona discussões mais amplas e micropolíticas, nesse sentido, a autora salienta que

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

> O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes nesse ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões como racismo, lesbofobia, transmisoginia, urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação e não mais como assuntos secundários. (RIBEIRO, 2014).

Já no que diz respeito à quarta, esta tem sido considerada como o feminismo das diferenças que tem explorado características e estratégias contemporâneas mediadas pelas ferramentas de comunicação digital como meio de articulação e mobilização. Trata-se de

> feministas, com estratégias próprias [...] autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução. (HOLLANDA, 2018, p. 10).

Sobre essa característica da horizontalidade, nas atuais manifestações feministas, a autora explica que é perceptível o aumento de "microlideranças pontuais", que embora sejam localizadas e específicas, causam impactos e funcionam como focos de ação e mobilização coletiva. Além disso, ela destaca que tais movimentos se caracterizam pela utilização de uma linguagem política que é marcada pela utilização dos corpos como forma de expressão. Isso ocorre porque o que está em jogo é

> é a possibilidade de uma vivência pública coletiva e afetiva que não se enquadre nos padrões normativos. Os corpos fogem tanto ao padrão estético do feminino, apresentando, por exemplo, a nudez das gordas e das não depiladas, como ao padrão comportamental, (HOLLANDA, 2018, p. 24)

Uma forte característica do feminismo contemporâneo tem sido a ampliação de sua atuação e debates a partir das interseccionalidades que envolvem questões acerca da corporalidade – na qual se inclui a gordofobia, racismo, homofobia, dentre outras, visando garantir o direito das mulheres de existirem e de serem respeitadas em suas em suas formas plurais e diversas. E, para isso, tem utilizado as redes sociais digitais, como o Instagram, por exemplo, como grande aliada.

> Nos media em geral e principalmente em redes sociais como o Instagram, o movimento da aceitação corporal emergiu, promovendo a ideia de corte com o estereótipo da mulher perfeita [...] Este movimento veio mostrar que as mulheres têm as suas características naturais e que os corpos visionados deveriam corresponder à realidade. (PEREIRA, 2021, p. 21).

A título de exemplos de ações correspondentes a essa quarta onda feminista, cabe citar o movimento "Vai ter Gorda", um coletivo de mulheres, fundado em 2016 em Salvador – BA, que atua no combate ao preconceito e na busca por melhores condições para mulheres gordas na sociedade. Atualmente, possui mais de 16 mil seguidores no Instagram (@vaitergorda) e

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

está em busca de parcerias em outras cidades e estados, visando ampliar a rede e, consequentemente, as ações desenvolvidas.

Numa outra perspectiva de atuação, mas também muito válida no que diz respeito ao ativismo gordo feminino e ao combate à gordofobia, é importante mencionar a existência de perfis como o da empresária, palestrante e influenciadora da autoestima – como ela mesma se descreve em sua rede – Jéssica Lopes (@jessicalopes). Em seu perfil, com mais de 870 mil seguidores, a partir de dicas de moda e estilo, bem como com base em sua experiências pessoais, ela aborda questões relacionadas a preconceito, autoestima, aceitação do corpo gordo e empoderamento feminino, inclusive rompendo com a ideia de que algumas roupas não "ficam bem" ou que não devem ser vestidas por mulheres gordas.

Nesse sentido, tanto os movimentos coletivos quanto os perfis que, apesar de individuais, dão voz a um grande grupo, vêm, a partir de suas vivências e se utilizando de seus próprios corpos como exemplo "divulgar a ideia de aceitação corporal, promovendo o empoderamento e a liberdade de expressão, através de fotografias onde se expõe sem receios de julgamentos" (Pereira, 2021, p. 31). Sendo assim, são responsáveis por fomentar reflexões e debates sobre a diversidade de corpos, bem como por propor perspectivas diversas enxergar esses corpos e de romper com padrões e conceitos de beleza feminina.

3 A gordofobia como instrumento de opressão dos corpos femininos

A gordofobia, que se manifesta em estereótipos, discriminação e normas de beleza muitas vezes inatingíveis, exerce um controle social opressivo sobre as mulheres, frequentemente obscurecendo a complexa relação entre gênero e peso, por criar um imaginário que impacta na percepção de seus corpos.

O corpo magro, na sociedade contemporânea, tornou-se um modelo associado à beleza corporal feminina e, consequentemente, ambicionado. Mas Pereira (2021) chama atenção para o fato de que durante um período, em algumas culturas, o corpo magro não era associado à beleza feminina e que foi apenas na modernidade, com o fortalecimento da indústria beleza, que passou a ser o padrão almejado. Ela ainda esclarece que

> Na sociedade ocidental dos finais do século XX e século XXI, o estado físico de "magreza" é comumente associado à ideia de felicidade, sucesso, juventude e sociabilidade. Desta perspectiva, um indivíduo que tenha um peso considerado acima da média, é visto como sedentário, sem controlo, sem poder e sem atratividade. Os corpos gordos, tornaram-se estereótipos negativos e alvo de discriminação (PEREIRA, 2021, p. 12).

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

No que se refere àquilo que é considerado belo, Naomi Wolf (2024) explica que o mito da beleza e as características atribuídas à feminilidade não é universal. O ideal de beleza está condicionado à temporalidade e também a questões socais, econômicas e culturais, e não só está relacionado apenas à aparência, mas também ao comportamento que se espera da mulher. A "ideologia da beleza" passa por mudanças ao longo do tempos e está sempre se adaptando a novas circunstâncias. A impressão é de que sempre que as mulheres rompem com algum padrão acerca do que é belo, outro é criado diante daquele novo cenário, tanto que a autora explica que

> a ideologia da beleza é a última remanescente das antigas ideologias do feminino que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor. (WOLF, 2024, p. 27).

Ou seja, o posicionamento da autora leva ao entendimento de que o fato de a "ideologia da beleza" estar sempre em reformulação possibilita que formas de controle sobre os corpos femininos sejam constantemente reestruturados, reforçados e legitimados, dentre elas destaca-se aqui o controle em relação aos corpos femininos e ao padrão de beleza que fazem emergir a gordofobia.

Sendo assim, a gordofobia pode ser entendida enquanto um problema social contemporâneo que se manifesta em forma de discriminação, preconceito e estigmatização de pessoas que são consideradas acima do peso pela sociedade, por exemplo. Essa discriminação é baseada em estereótipos culturais que associam a magreza com a beleza, saúde e sucesso. Nesse sentido, na busca pela conceituação do termo, Jimenez (2021) pontua que na sociedade contemporânea existe um certo "pavor" em engordar.

> Esse ódio e pavor é denominado de gordofobia. É uma discriminação que leva à exclusão social e, consequentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea. O prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensa e restrição dos corpos gordos de modo geral. (JIMENEZ, 2020, p 147).

Rodrigues (2018) salienta que os critérios capazes de definir uma ação gordofóbica ainda não estão completamente definidos e cabe à sociedade combater esse estigma em todos as esferas, não naturalizando-os e não reproduzindo-os. Afinal a prática da gordofobia acarreta intolerância, humilhação, marginalização, exclusão, o que pode causar sofrimento físico, mental e moral a essas mulheres.

A gordofobia está presente na vida em sociedade, em ações e atitudes diárias e, muitas vezes, nem ao menos é notada, devido à normalização de certos discursos que se mantêm ao

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

longo do tempo e/ou à suposta padronização imposta, razão pela qual se faz necessário buscar ferramentas para garantir a inclusão e evitar qualquer forma de inferiorização e preconceitos em relação aos corpos gordos de mulheres. Para além disso, a pessoa gorda passa por diversos outros tipos de situações constrangedoras, devido à falta de estrutura e acessibilidade, como, por exemplo, a dificuldade de passar por uma catraca de ônibus, não caber na poltrona do cinema ou do avião ou mesmo de encontrar com facilidade e em diversidade roupas à venda em lojas, como bem salientam Arruda e Miklos (2020).

Nessa conjectura, é fato que a gordofobia é vivenciada diariamente por mulheres com sobrepeso e obesas e, para além de uma mudança de comportamento sociocultural, é necessário que tais condutas preconceituosas e discriminatórias, no âmbito legal, gerem o dever de indenizar em toda sua forma de manifestação, seja em ambientes públicos ou privados e, ainda, em situações profissionais e pessoais. Ou seja, atitudes e ações gordofóbicas devem ser compreendidas como um ilícito e combatidas em todas as suas formas para que não ocorram abusos e para que se preserve os direitos fundamentais dessas mulheres, garantido, assim, a igualdade e a dignidade a elas.

A gordofobia é um problema sério que afeta muitas pessoas em todo o mundo, independentemente de sua idade, gênero ou classe social e é inegável que elementos culturais têm um papel importante na sua perpetuação, pois imagens de corpos apresentados como "perfeitos" e magros são promovidas constantemente nas diversas mídias, por exemplo, o que possibilita a criação de um imaginário do ideal a ser buscado, de um padrão a ser seguido em busca do pertencimento, da aceitação em um grupo social. Afinal, na atual estrutura social, "o corpo figura como território seja de representações da ordem, das formas de pertencimento interpessoal e das obrigações sociais, seja das relações com o sagrado ou de transformações geracionais, sexuais e de gênero." (CUNHA, 2012, p. 526). Seguindo essa linha de raciocínio, ainda podemos dizer que

> O corpo, no mundo contemporâneo, é entendido como figuração social. É a partir dele que juízos de valor são emitidos. Esse corpo deve ser arquitetado, construído, plasmando sua forma, encobrindo suas fragilidades e envelhecimento. Assim, nosso corpo é um investimento a ser edificado na melhor aparência possível. (JIMENEZ, 2020, p. 152).

Nesse sentido, devido ao imaginário existente acerca do corpo que é considerado belo, desejável e saudável, o corpo gordo é submetido a uma espécie de coerção, que, segundo Arruda e Miklos (2020) fazem com que ele seja percebido a partir da lógica do "não-corpo", como se o fato dele não se encaixar a um determinado padrão o descaracterizasse enquanto corpo, o

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

tornasse "errado", o desqualificasse e, nesse caso, a gordofobia seria tanto um sintoma quanto uma consequência de tal perspectiva.

Para ampliar essa discussão acerca das concepções corpos femininos e a tudo que eles são submetidos, Barragán et. al. (2020), amparadas em Maria Mies, entendem que

> o corpo das mulheres é a terceira colônia, além dos Estados colonizados e da Natureza submetida. Essa perspectiva articula a denúncia dos processos coloniais como formas patriarcais de domínio e, portanto, induz a uma postura crítica ao desenvolvimento, para que seja pensado em uma articulação complexa de formas de descolonização e despatriarcalização. (BARRAGÁN et. al., 2020, p. 238).

Nesse contexto, seria possível questionar se a gordofobia não apenas perpetua padrões de beleza irreais, mas se também estaria intrinsecamente ligada a estruturas de poder profundamente arraigadas. Se essa (o)pressão aos corpos femininos em relação ao peso poderia ser compreendida como uma extensão das formas patriarcais de domínio, que historicamente colonizaram tanto os Estados quanto a natureza.

Todos esses aspectos mencionados podem ainda estar relacionados a um outro problema que vem sendo enfrentado, que é a própria aceitação dessa mulher que não se enquadra no perfil de beleza estabelecido, muitas vezes ela julga e condena a si mesma por não estar nesse padrão e passa a se boicotar, se isolar, se distanciar por vergonha da sua imagem, por não se sentir bonita ou mesmo não se sentir aceita.

Tal conduta se mostra latente na realidade, posto que em decorrência da padronização do corpo magro como o adequado e correto, mulheres que não estão dentro desse perfil por vezes sofrem assédio, discriminação, exclusão e discursos odiosos, inclusive vindos também de outras mulheres, o que resulta em abusos levando a ofensa da dignidade humana. Nesse sentido, compreende-se a partir das discussões de Wolf (2024) a necessidade de conscientizar as mulheres, e a sociedade como um todo, de que a mulher tem o direito de escolher a aparência que deseja ter, bem como de escolher quem ela deseja ser, sem ter a obrigação de almejar, seguir ou obedecer ao que impõe qualquer tipo de força socioculturalmente estabelecida.

Isso se faz necessário, pois o desrespeito ao corpo gordo de mulheres, em diversas situações, ainda é tido como normal e, em diferentes momentos, surge camuflado como forma de falsa preocupação com a saúde. Dessa forma, a frenética busca pelo "corpo ideal", padronizado como magro pela sociedade, resulta em uma aversão a essas mulheres com sobrepeso e obesidade, criando a exclusão e discriminação por estarem fora do padrão imposto. Nesse sentido, o feminismo pode ser um elemento importante tanto para o questionamento acerca desse padrão estabelecido quanto para a mudança e/ou rompimento do comportamento

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

descrito, afinal o feminismo “consiste na resistência das mulheres em aceitar papéis, situações sociais, econômicas, políticas, ideológicas [...]” (GONZALES, 2020, p. 39).

Nesse sentido, vale lembrar que diversas mulheres e movimentos coletivos femininos, como os citados como exemplos anteriormente, já vêm constituindo e construindo essa resistência, visando “defender que as mulheres não têm de corresponder aos padrões de beleza definidos pelas grandes indústrias, sendo também, considerados corpos belos os corpos fora do padrão”. (PEREIRA, 2021, p. 41). Dessa forma, ao incentivar essas mulheres a acolherem seus copos e enxergarem a beleza deles, esse movimentos auxiliam que elas se libertem da pressão exercida pelos padrões e de sofrimentos a que se submetiam por não se enquadrar ou na tentativa de se enquadrar neles.

4 Considerações

Com base no exposto, percebe-se que gordofobia é uma realidade insidiosa que permeia muitos aspectos da sociedade contemporânea, deixando marcas profundas nos corpos femininos. Portanto, seria interessante, ainda, ampliar as discussões no sentido de verificar se gordofobia impacta na perpetuação das desigualdades de gênero, ou como a resistência feminista poderia ser um catalisador para mudanças significativas nas percepções e normas relacionadas aos corpos femininos, ou, até mesmo para buscar uma compreensão mais ampla acerca de como da conscientização e da mudança cultural na luta por uma sociedade mais inclusiva e equitativa no que diz respeito às mulheres e aos diversos tipos de corpos femininos

Afinal, ao observar a gordofobia a partir de uma perspectiva feminista, é possível perceber como os corpos femininos estão sempre sendo analisados, julgados e pressionados com base em padrões determinados por estruturas de poder que privilegiam certos tipos de corpos e condenam outros. Dessa forma, o corpo gordo feminino acaba sendo estigmatizado pelo fato de não se enquadrar aos padrões de beleza, que determinam que o corpo belo é o magro, inclusive associando-o a questões de saúde.

O feminismo, em especial o da quarta onda por incluir interseccionalidades, propõe uma crítica aos padrões, discursos, ações que discriminam e, de certa forma, excluem a mulher gorda na sociedade contemporânea. Dessa forma, faz com que a luta contra a gordofobia ganhe mais força ao propor uma outra visão ao corpo gordo, ao contestar os padrões de beleza e reivindicar que seja garantido o direito das mulheres de existiram em suas formas plurais e diversas.

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

Referências

ARRUDA, Agnes de Sousa; MIKLOS, Jorge. *O peso e a mídia:* estereótipos da gordofobia. Líbero. São Paulo, n. 46, p. 111-126. jul./dez. 2020. Disponível em: https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1116/1151

BARRAGÁN et. al. *Pensar a partir do feminismo:* críticas e alternativas ao desenvolvimento. In Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão … [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CUNHA, Maria Olívia Gomes. Corpo. In: LIMA, Antônio Carlos de Souza (coord.) *Antropologia e direito:* temas antropológicos para estudos jurídicos. Blumenau: Nova Letra, 2012.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. In Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão … [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Explosão feminista:* arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JIMENEZ, M. L. J. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre os corpos gordos. *Revista Epistemologia do Sul*. Dossiê: Corpos e sujeitos na/da modernidade, Foz do Iguaçu, v. 4. n. 1, p. 142-161, 2020. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643/2534

PEREIRA, Rita Romão Correia. *Influencers femininas e o ideal de beleza*. 2021. 64 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação) – Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, 2021. Disponível em: http://hdl.handle.net/10071/22967

RIBEIRO, Djamila. *As diversas ondas do feminismo acadêmico*. Portal Geledés, 25 nov. 2014. Disponível em: https://www.geledes.org.br/diversas-ondas-feminismo-academico/.

RODRIGUES, Stella. Precisamos falar de gordofobia. *Revista Leve*, set/nov.2018. Hospital Alemão Oswaldo Cruz. Disponível em https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/noticias/precisamos-falar-de-gordofobia.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza:* como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 21. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

Deconstruyendo modelos: la gordofobia desde una perspectiva feminista

Resumen

El artículo aborda las intersecciones entre feminismo y gordofobia, centrándose en el impacto de este fenómeno en los cuerpos femeninos. El principal objetivo es promover una reflexión crítica sobre cómo los estándares de

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025

V. 10, nº 01, jan.-jun., 2024, artigo nº 2540 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

belleza, apoyados en estructuras de poder sociocultural, perpetúan la discriminación contra las mujeres gordas. Desde un enfoque cualitativo, se realizó una revisión bibliográfica a partir de autores que discuten sobre feminismo, corporalidad y prejuicio. La discusión presentada revela que la gordofobia opera como una forma de control social sobre los cuerpos femeninos, reforzando estereotipos de belleza y exclusión. La perspectiva feminista, especialmente la interseccional, expone la complejidad de la discriminación al incorporar discusiones sobre género, raza y clase, ampliando la comprensión de las diferentes formas de opresión. Por lo tanto, se entiende que el feminismo de la cuarta ola, al explorar las interseccionalidades, ofrece perspectivas que sirven de base para el cuestionamiento y consecuente deconstrucción de los estándares estéticos normativos y la promoción de la aceptación del cuerpo. Así, la lucha contra la gordofobia se alinea con la lucha contra las desigualdades de género y la valorización de la pluralidad de los cuerpos femeninos.

Palabras-clave: Cuerpo; Discriminación; Estándar de belleza; Feminismo; Gordofobia.

Déconstruire les normes: la fatphobie dans une perspective féministe

Résumé

L’article aborde les intersections entre féminisme et fatphobie, en se concentrant sur l’impact de ce phénomène sur le corps féminin. L’objectif principal est de promouvoir une réflexion critique sur la façon dont les normes de beauté, soutenues par les structures de pouvoir socioculturel, perpétuent la discrimination à l’égard des femmes grosses. En utilisant une approche qualitative, une revue bibliographique a été réalisée à partir d'auteurs qui discutent du féminisme, de la corporéité et des préjugés. La discussion présentée révèle que la fatphobie opère comme une forme de contrôle social sur le corps féminin, renforçant les stéréotypes de beauté et d’exclusion. La perspective féministe, en particulier la perspective intersectionnelle, expose la complexité de la discrimination en intégrant des discussions sur le genre, la race et la classe sociale, élargissant ainsi la compréhension des différentes formes d'oppression. Par conséquent, il est entendu que le féminisme de la quatrième vague, en explorant les intersectionnalités, offre des perspectives qui servent de base au questionnement et à la déconstruction conséquente des normes esthétiques normatives et à la promotion de l’acceptation du corps. Ainsi, la lutte contre la fatphobie s’aligne sur la lutte contre les inégalités de genre et la valorisation de la pluralité des corps féminins.

Mots-clés: Corps; Discrimination; Féminisme; Fatphobie ; Norme de beauté.

Deconstructing Standards: fatphobia from a feminist perspective

Abstract

This article addresses the intersections between feminism and fatphobia, focusing on the impact of this phenomenon on female bodies. The main objective is to promote a critical reflection on how beauty standards, supported by sociocultural power structures, perpetuate discrimination against fat women. Using a qualitative approach, a literature review was conducted based on authors who discuss feminism, corporeality, and prejudice. The discussion presented reveals that fatphobia operates as a form of social control over female bodies, reinforcing stereotypes of beauty and exclusion. The feminist perspective, especially the intersectional one, exposes the complexity of discrimination by incorporating discussions on gender, race, and class, expanding the understanding of the different forms of oppression. Thus, it is understood that fourth-wave feminism, by exploring intersectionalities, offers perspectives that serve as a basis for questioning and consequently deconstructing normative aesthetic standards and promoting body acceptance. Thus, the fight against fatphobia is aligned with the fight against gender inequalities and the appreciation of the plurality of female bodies.

Keywords: Beauty Standards; Body; Discrimination; Fatphobia; Feminism.

Histórico do artigo:
Submetido em: 03/01/2025 – Aceito em: 07/04/2025